

VIAGEM AO TERRITÓRIO JARAWARA E KANAMANTI

R E L A T Ó R I O

I - INTRODUÇÃO

Com o objetivo de levantar mais dados para uma proposta de área para os povos Jarawara e Kanamanti, conhecer "in loco" os locais de ocupação e saber dos próprios índios qual é a terra que lhes interessa, colher material para exame baciloscópico de TB e prestar uma assistência de saúde possível, percorremos de 06 a 24 de julho de 1986, 10 aldeias desses dois povos.

II - DAS CONDIÇÕES

Nesta época do ano só é possível chegar a estas aldeias à pé (com exceção da aldeia São Francisco dos índios Kanamanti que possui campo de pouso).

Para uma aproximação maior com os índios optamos por levar para alimentação de nossa equipe (04 pessoas) apenas alguns quilos de farinha de mandioca, pois sabíamos que em algumas colocações onde os índios moram apenas durante o verão para explorar seringa a farinha é escassa. Porém, para não sermos um peso para as famílias que nos acolhiam, levamos linhadas, anzóis, e duas chumbeiras para buscarmos o nosso próprio sustento. Nesta empreitada fomos felizes, pois todos os dias mariscamos ou caçamos, eventualmente acompanhados por um companheiro índio, quantia excedente ao nosso próprio consumo. Isso nos permitiu sentarmo-nos todos os dias no tablado de paxiuba e recebermos com toda a família extensa, em ritual, a distribuição do caldo, da farinha e da carne feita pela cozinheira da casa.

Três pessoas da equipe desconheciam a área e não eram conhecidas dos índios, mas o fato de estar junto o Guenter Francisco (Chico) conhecido em todas as aldeias, favoreceu muito o entrosamento e em todos os lugares houve muita cordialidade. Notava-se muito interesse, principalmente entre os Jarawara, em saber de nossas famílias e onde estavam algumas pessoas que já tinham morado com eles, principalmente Marta Calovi e Sérgio Gobbi da TVC e Doroty Müller e Cacilda Andreati da OPAN. Aproveitamos a oportunidade para falar da situação e dos aspectos culturais de ou

tros povos indígenas que conhecemos. Interessante que, ao demonstrarmos passos e ritmos de rituais de outros povos, logo logo, quem ouvia fazia questão de interromper para mostrar como era o seu xinganê, uma de suas festas. Depois havia muita insistência para voltarmos para participar da festa de duas moças que estavam reclusas num cercado de palha (wawasã) e que passariam pelo ritual da iniciação dentro de uma ou duas luas. Esses fatos ocorreram mais entre os Jarawara.

Nas três aldeias Kanamanti em que estivemos não recolhemos material para exame baciloscópio de TB, mas fizemos como também com os Jarawara, um novo recenseamento, tratamos dos doentes e discutimos longamente (com o mapa do RADAM, escala 1:250.000) ponto por ponto os locais e os extremos da área que consideram hoje sua. Não há lugar na área proposta, que alguém não tivesse lá nascido, mariscado, caçado, ou explorado sorva, copaiba, castanha seringa, ou que não fosse algum lugar sagrado.

### III - DO NOME E DA LÍNGUA

Foi Badã, um dos principais líderes Kanamanti, que nos chamou a atenção quanto a questão do nome Kanamanti. Diz ele, que quem é realmente Kanamanti é quem mora lá no igarapé Vitória e que os outros de seu grupo, são Jamamadi. Acontece, porém, que Jamamadi é uma palavra da Língua Geral que se refere àqueles que moram em terra firme. Neste sentido eles são realmente Jamamadi. De qualquer forma, como não conseguimos saber a autodenominação desse grupo, continuamos classificando-o como Kanamanti. Badã diz também que na língua e na cultura há pouca diferença e já existe miscigenação entre eles.

Linguisticamente, os Banawã-Yafi do igarapé Banawã, afluente do rio Piranhas, os Jarawara e Kanamanti são do grupo Aruak e se comunicam em suas próprias línguas. Aliás, para um maior compreensão e entendimento sobre os povos indígenas do rio Purus e Juruá, seria de suma importância que fosse feito um aprofundado estudo comparativo entre as línguas faladas nestas regiões, principalmente as que pertencem ao grupo Aruak, que são a grande maioria. O certo é que do ponto de vista linguístico, existe um parentesco próximo entre os Paumari, Kulina, Jarawara, Kanamanti, Banawã-Yafi, os muitos subgrupos Deni e os Zuruahã do igarapé Preto contatados em 1980. Existe pois, por esse e por outros moti-

vos, grande confusão desde às primeiras referências históricas sobre esses grupos e são raros os trabalhos publicados que trazem dados precisos sobre: grupo linguístico, autodenominação de cada povo, território que habita, número de pessoas que compõe o grupo, etc., principalmente no médio e baixo Purus.

Hoje todos os Kanamanti e Jarawara recenseados por nós e que moram na área, falam a sua língua. As mulheres falam menos o português e mesmo quem o fala melhor, o faz com muitos vícios. Ninguém, por exemplo, usa os pronomes pessoais, mas apenas os possessivos, além de usar os verbos da maneira mais estranha. Ex: meu foi deixa teu = eu vou deixar você. Mas, uma vez conhecidos esses "vícios de linguagem" é possível entender-se razoavelmente bem.

#### IV - DOS COSTUMES

As casas dos Kanamanti e Jarawara não diferem das dos seringueiros da beira do rio Purus: estilo palafita, assoalho de paxiuba sendo que muitos Jarawara já estão talhando tábuas com o machado, aplainando-as com plaina manual e desta forma produzindo bonitos assoalhos.

A cestaria é uma arte bem desenvolvida. Todos possuem em boa quantidade jamaxis, tipitis, paneiros de muitos tipos e tamalhos, muitas cestas para guardar pertences, abanadores de fogo e peneiras. Grande parte das redes usadas são de envira ou de fios reaproveitados de outras redes velhas adquiridas dos Cariu. Devido a grande quantidade de carapanã é praticamente obrigatório o uso de mosquiteiro durante todas as épocas do ano. "Cada família tem o seu mosquiteiro, onde também ficam as crianças. As moças usam um mosquiteiro comunitário, ao passo que os rapazes tem cada um o seu". (Gunter Kroemer, em Cuxiuara, o Purus dos Índigenas, 1985). A observação de Kroemer confere com o que vimos.

Aos antigos instrumentos de caça como o arco, flecha e zarabatana, foram incorporadas as espingardas chumbeiras. Esta substituição é tão firme que as poucas zarabatanas que ainda se encontram em algumas aldeias, mais parecem peças de museu encostadas e cansadas das guerras. As flechas para a caça estão quase na mesma situação sendo que estas ainda existem em maior quantidade, mas praticamente fora de uso. Porém o arco e flechas para flechar peixe estão em uso permanente durante todas as épocas do ano principalmente na pesca ao procurado "abã" (matrinxã). Arco e flecha continuam também sendo o principal brinquedo para todos os me

nicos com mais de três anos de idade. Anzol, linhas de nylon e em alguns lugares malhadeiras, são outros instrumentos de trabalho usados em todas as aldeias. Tivemos também a ocasião de participar de algumas pescarias com tinguí obtendo ótimo resultado.

Quanto a alimentação, para ambos os grupos, peixe e farinha são o prato básico e diário. Contudo é comum faltar farinha em algumas aldeias que não fazem roçados na proporção de seu consumo.

## V - DA HISTÓRIA DO CONTATO

A história do contato inicial dos Kanamanti e Jarawara com as frentes de expansão extrativistas não são bem conhecidas e hoje os remanescentes não têm na memória a maior parte dos fatos que datam ainda da segunda metade do século passado. Porém, sabe-se que foi pelo ano de 1940 com a chegada dos "soldados da borracha" à região, que se intensificaram os contatos com os índios da terra firme alcançando os índios mais arredios e acanhados que ocupavam pequenos igarapês, longe dos rios maiores.

Classificar e descrever com precisão toda a violência e brutalidade das frentes de expansão extrativistas e enumerar os malefícios que elas tem causado as pessoas, tanto nos trabalhadores não índios expatriados de suas terras, como nos índios, é tarefa quase impossível de ser transportada para o papel. E, a escravidão provocada pelo sistema imposto pelos fortes de ontem e de hoje, apoiados nos políticos (civis e militares) do passado e do presente nunca deixou de ser menos cruel e nesse cativo quase todos são vítimas. Estas conclusões são fruto da vivência que tivemos com aqueles que vivem nos seringais, nos barrancos dos rios, com aqueles todos que extraem as riquezas do sertão e na convivência mais prolongada com os índios.

O engenheiro Euclides da Cunha que viajou pelo Purus entre 1904 e 1905 já constatava esta situação: "O sistema sócio-econômico (implantado nos seringais) é criminoso, pois persistem apenas os fortes. A propriedade mal distribuída dilata-se nos latifúndios de terras limitadas somente de um lado pelas beiras do rio e reduz-se na mão de poucos donos. O seringueiro é duplamente explorado, vivendo longos anos num pedaço de terra que não lhe pertence, uma existência de escravo, a mercê do império despótico dos Patrões.(...) O seringueiro vivia numa organização do traba-

lho que era a mais imperfeita que o ser humano já engendrou; (...) o homem trabalha para escravizar-se. Andava num círculo demoníaco, num eterno giro, numa prisão sem muros, exercendo um ofício que aprendia numa hora e que fazia depois a vida toda, sem esperanças, sem ilusões, caindo em decadência moral e orgânica, sofre dor solitário e abandonado nas paragens exuberantes das hêveas". (Euclides da Cunha, Citado em Cuxiuara, o Purus dos Índigenas Gunter Kroemer, 1985). Hoje a situação continua a mesma, com a diferença de se ter perpetuado por mais 80 anos dando a impressão de eterno e legal, enquanto continua estraçalhando suas presas. E são essas vítimas de um sistema assassino que vão encontrar-se com os povos indígenas, e no caso em questão com os Jarawara e Kanamanti.

As reações desses índios frente às pontas-de-lança do extrativismo foram diferentes daqueles que nunca aceitaram entregar o território e ter que produzir para os patrões como foi o caso dos vizinhos Juma. Vítimas de dois massacres, os Juma são 08 pessoas e com nenhuma chance de reproduzirem-se. Houve outros índios da região que preferiram buscar os espaços ainda livres nas cabeceiras dos igarapês e longe dos rios maiores. Apesar de serem chamuscados pelo fogo expansionista, continuam arredios e livres. Os Jarawara e Kanamanti fizeram o que muitos grupos vizinhos também fizeram: nem guerrearam sempre e nem se retiraram de seu território. Sentindo que precisavam recuar para não serem escorraçados, cedem parte de seu território para a exploração extrativista fazem alianças táticas com alguns conhecidos que melhor os tratam e trabalham também na produção de algo que interessa aos patrões para terem uma base de troca. Alguns trabalham até temporadas (2 a 3 meses) para algum interessado na sua mão de obra, mas voltam depois, poucas vezes com saldo, para junto dos seus. Ocorre, porém, que estando a serviço de um sistema tão opressor, é difícil que consigam mais que um pouco de querosene, sal, fósforo, munição, roupas, remédios e algumas garrafas de cachaça.

## VI - DA ECONOMIA, DA OCUPAÇÃO DA TERRA E DOS LIMITES

Tradicionalmente os índios Jarawara e Kanamanti sempre se dedicaram à agricultura, à caça e à pesca, tendo a coleta apenas uma função complementar na sua alimentação. Este quadro começou a ser alterado a partir do contato com as frentes expansionisis

tas devido às necessidades que foram sendo criadas. Os índios passaram então para o extrativismo da borracha, sorva, copaiba e também para a coleta da castanha, produtos esses que podiam ser encontrados com relativa facilidade e abundância em suas terras, para desta forma adquirirem as mercadorias de que necessitavam. A agricultura, em função disso, em muitas aldeias foi relegada a um segundo plano, prejudicando enormemente o sistema alimentar.

Hoje, a sorva e o óleo de copaiba somente podem ser encontrados nas regiões de difícil acesso, ou seja, nas cabeceiras dos igarapês, ou no centro da terra firme. O sistema usado para a extração desses produtos que consiste na derrubada da sorveira e na perfuração da copaiba, não permite a sua reposição a curto e médio prazo.

A castanha, embora possa ser encontrada em pontos diferentes da área indígena, não é muito abundante e a seringa é praticamente toda ela do tipo classificada regionalmente como fraca e por isso de qualidade inferior. A pouca seringa forte existente na área está sendo extraída pelos Jarawara, mas devido aos longos anos de exploração, as seringueiras encontram-se cansadas e por isso a produção é muito baixa.

Ultimamente, uma aldeia partiu para a exploração da madeira de lei, que apenas pode ser retirada nas áreas que são alagadas no período chuvoso.

Existe uma diferença muito grande entre as aldeias que priorizam a agricultura daquelas que se dedicam mais ao extrativismo. Nas primeiras as pessoas alimentam-se melhor, apresentam aspecto físico mais sadio, mantêm menos contato com a sociedade envolvente e conseqüentemente contraem menos doenças infecto-contagiosas.

O sistema de exploração da terra adotado consiste no desmatamento anual de novas áreas, sendo que a capoeira vai tomando conta daquelas que já foram plantadas durante dois anos consecutivos. Esse sistema faz-se necessário devido a baixa fertilidade do solo e evita a esterilização, permitindo que a mata se reconstitua naturalmente. Por outro lado, esse sistema força a migração constante dos índios para novas regiões. São extensas, portanto, as áreas de capoeira encontradas nas terras dos índios Jarawara e Kanamanti. Uma avaliação do tamanho da mata que já se recompôs nesses lugares, permite inclusive traçar a rota migratória seguida pelos índios em suas terras.

Nos roçados, podem ser encontradas as culturas da mandioca, macaxeira, carã, taioba, gengibre, batata doce, canã-de-açúcar, banana, pupunha, cajú, algodão, urucum, manga, limão, laranja cidra, jambo, maracujá, entre outras.

A caça é bastante rara. Para encontrá-la os índios são obrigados a se deslocar para regiões distantes de suas aldeias. O abate se dá normalmente com arma de fogo e com o auxílio do cachorro.

O peixe, por outro lado, é relativamente abundante e pode ser encontrado nos igarapés maiores que cortam a área indígena. O matrinxã é o peixe mais procurado e apreciado e que quando capturado em grande quantidade é moqueado na folha do caraná preto. Na festa de iniciação da menina (ayakã) o matrinxã não pode faltar.

Sinais de ocupação da terra pelos índios Jarawara podem ser encontrados ao longo dos igarapés Piraçucu, baixo Curiã, Fabiri (Apituã), Cainã, Dyemetê, Hatufã (Caiçama), Xirabá, Biafahã (Missão) e baixo Mamoriazinho. Os Jarawara habitam atualmente as seguintes aldeias: Nazaré, Saubinha, São Francisco, Santana, Água Branca, Dyemetê e Casa Nova.

Possivelmente até o final do século passado os índios Juma habitavam as margens do rio Cainã na altura da atual aldeia Santana onde ainda hoje podem ser encontrados cacos de cerâmica. Até hoje, os índios Jarawara demonstram o receio que têm dos Juma com os quais antigamente guerreavam constantemente. Falam dos Juma como sendo índios de estatura elevada, de pés enormes e que praticavam a antropofagia se valendo da lança para abater suas vítimas. Ainda segundo os Jarawara os Juma foram obrigados a se retirar da região pelos brancos que teriam matado muitos deles.

Os Kanamanti reconhecem como suas as terras localizadas ao longo dos igarapés Curiã, Camitahã, Sabuhum, Pauzinho, Caihã, Canauaru, Igarapé da Vara situados à margem esquerda do Mamoriazinho e à margem direita do rio Aripuanã. Esse povo atualmente se encontra distribuído pelas seguintes aldeias: São Francisco, Capivara, Humaitã, Porto Novo, Catuaba, Buriti, Camburão, Vitória e Caihã.

A ocupação tradicional dessas terras pelos índios Jarawara e Kanamanti pode facilmente ser comprovada pela quantidade e norme de capoeiras, cemitérios, varadouros de caça, pesca e extração de produtos naturais.



Os índios tiveram participação ativa na fixação dos limites de suas terras que estão sendo propostos no mapa em anexo. A proposta de uma área única para os dois grupos é perfeitamente viável, uma vez que habitam terras contíguas e se identificam muito culturalmente a ponto de se entenderem perfeitamente na língua materna. A ausência de conflitos entre eles também faz com que não tenha o mínimo sentido fixar um limite separando a área em duas.

Existe ainda um terceiro grupo, os Banawá-Yafi, localizados no igarapé Banawá, afluente do rio Piranhas, que mantém relações amistosas com os Jarawara e Kanamanti e com os quais se comunicam na própria língua. Numa futura identificação da área por parte de FUNAI deve ser avaliada a possibilidade de uma terra única para os três grupos.

## VII - DAS INVASÕES E DA EXPLORAÇÃO

Embora os índios Jarawara e Kanamanti tenham mostrado muita clareza com relação aos limites da área que lhes pertence e de que necessitam para sua sobrevivência, não se posicionam, ou se posicionam muito timidamente no que diz respeito as invasões de suas terras.

As invasões se dão principalmente em função da exploração do pouco de sorva e óleo de copaiba que ainda podem ser encontrados na área. Para tanto, os brancos se fixaram dentro da área indígena ao longo do rio Mamoriazinho e seu afluente Canauaru. Algumas dessas famílias também praticam a agricultura.

Pelo lado do Curiá, os brancos (patrões) estão arregimentando os índios para explorar a sorva e copaiba em troca de cachaça e de poucos artigos de primeira necessidade. Temos visto cartões (anotações de compra e venda feitas em qualquer papel pelos patrões) onde se comprova que um dia de trabalho vale meio litro de cachaça. Como não há no grupo (Kanamanti) ninguém que saiba ler, há patrões que marcam mercadorias que não foram entregues mas são cobradas. Os Kanamanti comercializam com seis ou sete patrões. Cada grupo de índios trabalha com um deles, sendo que calculam se este ou aquele é menos ruim e se rouba menos, pela quantidade de coisas que conseguem comprar. Eles não sabem o preço dos produtos que vendem e muito menos quanto pesou um paneiro de sorva ou quantos litros de farinha entregaram. Os índios nos diziam: "ele, o patrão sabe". Depositam "total confiança" nos patrões. (É difícil de imaginar o que se estaria passando pela cabe



ça de um Kanamanti acostumado a um sistema de troca e de permuta onde não existe exploração e ter que se submeter a um sistema que o submete a muito tempo de trabalho e de isolamento social e que em troca recebe migalhas e um saldo devedor para comprometê-lo a trabalhar ainda mais).

A exploração da sorva e do óleo de copáiba exige dos Kanamanti um deslocamento contínuo pelos centros da mata em busca do produto cada vez mais escasso, muitas vezes passando fome e longe de suas famílias.

Este problema é menos sentido nos Índios Jarawara onde a sorva e o óleo de copáiba praticamente não existem mais. Só na época da quebra da castanha acontecem deslocamentos dessa natureza e mesmo assim por um breve período.

A extração da seringa praticado pelos Jarawara, permite a habitação em aldeias fixas durante o fábriço. Esses Índios comercializam seus produtos no barracão do seringal Jurucuá ou com um comerciante (Pedro Côsmos) que mora no seringal Samaúma. Esporadicamente, no entanto, relacionam-se também com algum regatão que sobe o rio Purus.

A invasão de suas terras se dá para a exploração da madeira de lei que começou recentemente. Embora conscientes do problema não encontram forças para reagir, porque não contam com o apoio de ninguém.

## VIII - DA SAÚDE

Os Kanamanti estão recentindo-se muito da ausência do Sr. Gilberto do SUMMER, pois ele prestava assistência em casos de doenças, sendo que os casos mais graves eram levados de avião para Porto Velho. Pudemos sentir até um certo desespero entre as pessoas, baseado, cremos, na informação dos Índios de que 16 pessoas morreram em um pouco mais de um ano. Os motivos vão desde picada de cobra, afogamento por embriaguês (uma mulher e seu filho pequeno), malária, gripe, etc. Todas as famílias têm em casa algum remédio alopático comprado dos patrões e por indicação destes sendo que a maioria é antibiótico ou remédio para malária usados das formas mais estranhas possíveis. Encontramos, por exemplo, pessoas que possuíam várias ampôlas com os rótulos apagados e alguns vieram pedir-nos que identificássemos a utilidade de cada um.

Em nossa estada tratamos de três casos de malária e havia uma menina de seis anos sofrendo de subnutrição crônica. Orientamos para que o pai a levasse para Lábrea onde poderia ser submetida a um tratamento mais longo.

Entre os Jarawara foram recolhidas 85 lâminas de escarro para exame baciloscópico de TB abrangendo toda a população adulta. O resultado de todos os exames foi negativo. Apesar disso o problema não pode ser dado como resolvido. Pelo menos duas pessoas (Raimunda Makini e Maritoni) que já se submeteram ao tratamento de TB continuam apresentando sintomas da doença.

Em todas as aldeias dos Jarawara atendeu-se a apenas um caso de malária. A aparência de um modo geral, é de pessoas fortes e saudáveis. Os homens Jarawara são baixos. Os mais altos não passam de 1,60m à exceção de um jovem que mede 1,70m. As mulheres, quase na sua totalidade não ultrapassam 1,50m. As condições dentárias dos Jarawara apresentam-se em estado razoável sendo que se nota em grande número deles que os caninos superiores nascem pelo lado de fora da gengiva, enquanto que no verdadeiro lugar dos caninos aparece o segundo incisivo. Esta particularidade aparece até no filho de um cariú com uma Jarawara.

Manaus, setembro de 1986

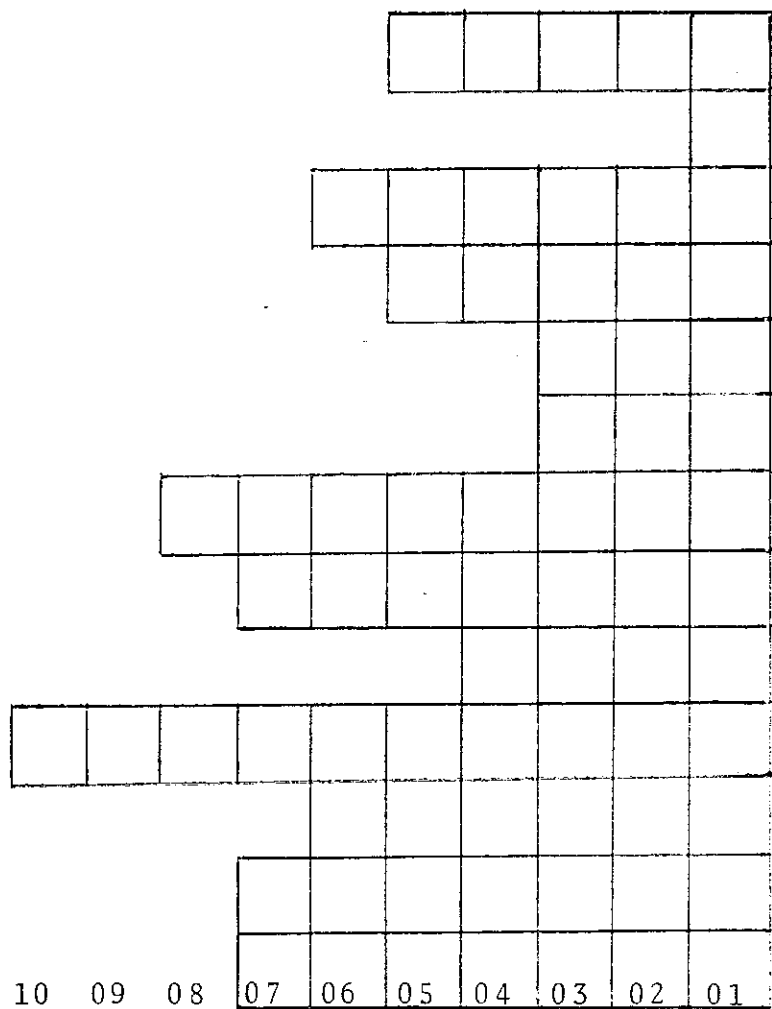
Laudete Grasse

Rosalina Menegheti

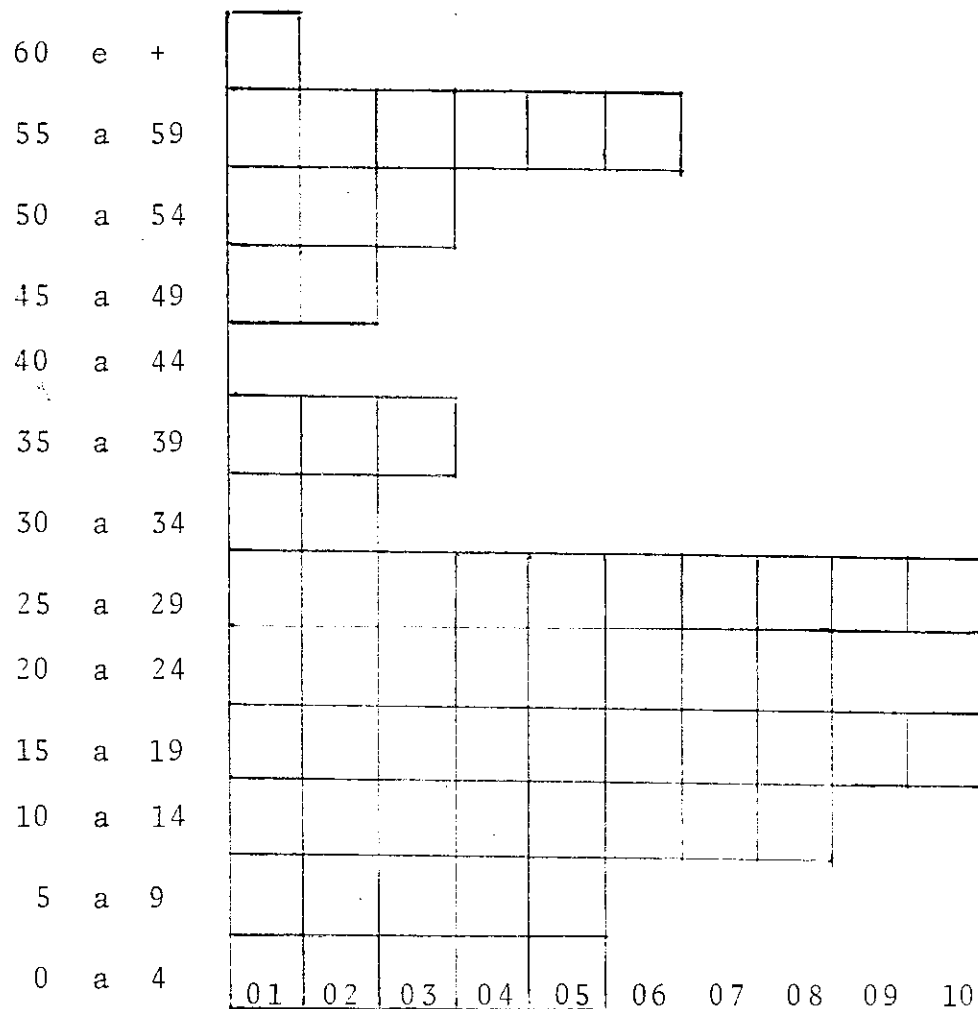
Ivar Busatto

Guenter Francisco Loebens

GRÁFICO POPULACIONAL / ÍNDIOS JARAWARA

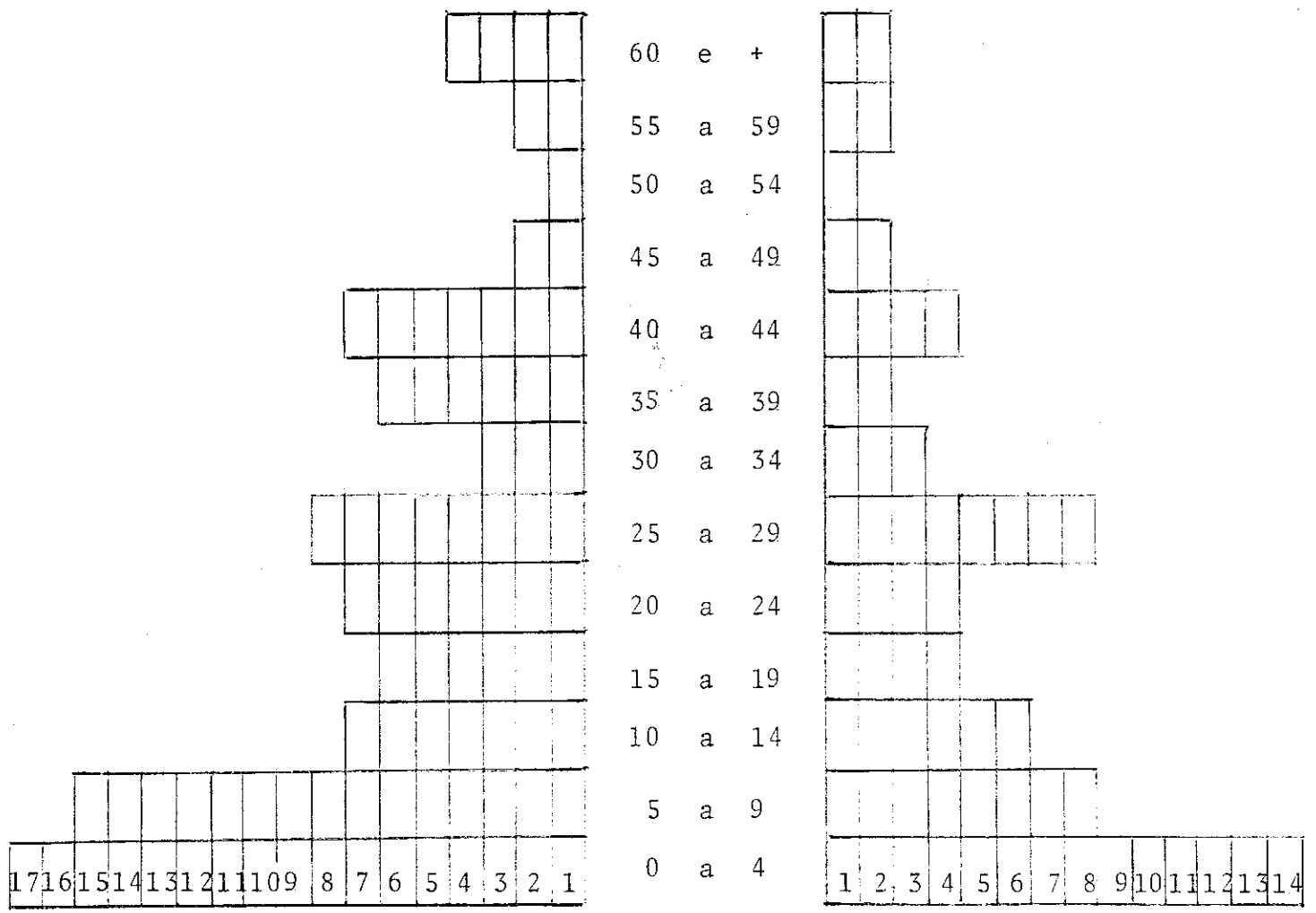


Total de Homens = 72



Total de Mulheres = 63

GRÁFICO POPULACIONAL / ÍNDIOS KANAMANTI



Total de Homens = 85

Total de Mulheres = 60

2

LEVANTAMENTO POPULACIONAL - INDIOS JARAWARA - LÁBREA

ALDEIA NAZARÉ

	Sexo	Idade
01 - Manoel Severo (Kasawará)	M	60
02 - Maria (Kaynakosi)	F	55
03 - João Batista (Imawasá)	M	34
04 - Odilon (Dimakohyá)	M	30
05 - Otília (Nemēamewoyni)	F	25
06 - Constantino (Makamematá)	M	23
07 - Selmira (Imaynéhana)	F	19
08 - Jacaúna (Yaokali)	M	50
09 - Carlos (Bayane)	M	28
10 - Emília (Labi Mawinofará)	F	28
(Gestante - 05 meses)		
11 - João Catafu (Boni)	M	50
12 - Rita (Tonawinamá)	F	30
13 - Severino (Awanayru)	M	28
14 - Moacir (Fenemomã)	M	25
15 - Tereza (Naribi)	F	22
16 - Zé Catafu (Bixá)	M	46

ALDEIA SAUBINHA

17 - Camilo (Tatiabô)	M	80
18 - Natália (Kuxibã)	F	50
19 - Prisco (Baysawã)	M	45
20 - Maricota (Taíra)	F	52

	Sexo	Idade
21 - Isaura	F	55
22 - Consuelo (Tari)	F	22
23 - Maria Rita (Atiwamini)	F	20
24 - Fátima (Lahã)	F	18
25 - Valcenor (Sawi)	M	16
26 - Maria (Inúhari)	F	14
27 - Lalice (Miracema)	F	12
28 - Maria Ana (Baynavirã)	F	8
29 - Zezinho (Ajakã)	M	33
30 - Raimunda (Paka)	F	25
31 - Edimilson (Buriã)	M	7
32 - Bino (Alabã)	M	30
33 - Marizete (Fatigimawari)	F	27
34 - Sérgio	M	7
35 - Matana	F	4
36 - Cacilda (Dimaytã)	F	3
37 - Martim (Arabukamu)	M	28
38 - Raimunda (Makini)	F	25
(Gestante - 05 meses)		
39 - Waldemar (Kuanã)	M	60
40 - Rosa (Kubukani)	F	55
41 - Américo (Muytati)	M	35
42 - Thomaz	M	17
43 - Érico (Tatikoré)	M	9
44 - Paulo (Maki)	M	3

ALDEIA SÃO FRANCISCO

	Sexo	Idade
45 - Assizinho (Uri)	M	33
46 - Jatabô (Kusã)	M	48
47 - Ernande	M	25
48 - Yoyô(Bitioã)	M	45
49 - Niná	F	35
50 - Nilton	M	22
51 - Juarez (Emiwanã)	M	19
52 - Maria (Barrĩ)	F	16
53 - Luiza (Matoni)	F	14
54 - Abidia	M	12
55 - Mateus	M	10
56 - Betina (Atirahã)	F	8
57 - Ocilene (Kinalilã)	F	5
58 - Ocimar (Amewari)	F	3
59 - Zé Avião (Yabinô)	M	25
60 - Costolina (Baikani)	F	20
61 - Maro	M	2

ALDEIA SANTANA

62 - Baté Biri	M	50
63 - Tota	F	45
64 - Guarda	M	16
65 - Maria	F	13
66 - Tirapiawi	M	8
67 - Boí	M	55
68 - Inácia (Awairã)	F	55
69 - Fátima	F	18
70 - Amerirá	F	12
71 - Governador (Bibiri)	M	22
72 - Sasã (Gestante - 04 meses)	F	20
73 - Floriano	M	20
74 - Neide	F	16



ALDEIA ÁGUA BRANCA

75 - Makabi	M	50
76 - Karã	M	53
77 - Valdir (Navirê)	M	16
78 - Maria Vital (Maroka)	F	13
79 - Renato (Inufamã)	M	19
80 - Bebeta (Bonitã)	F	17
81 - Napoleão (Wakari)	M	48
82 - Narciso (Mayrabô)	M	18
83 - Moisés	M	25
84 - Nacira (Ibiri) (Gestante - 5 meses)	F	28
85 - Kayti	M	3
86 - Miracele (Abawanã)	F	34
87 - Valdemiro (Yayani)	M	16
88 - Alcida (Batati)	F	25
89 - Augusta (Xenebiri)	F	25
90 - Alcimar (mora em Manacapuru)	M	38

ALDEIA DYEMETÉ

91 - Mundico (Koí)	M	52
92 - Maria (Batakani)	F	50
93 - Tonia (Maritoni)	F	18
94 - Maria (Kanhã)	F	55
95 - Mariquinha (Barikini)	F	18
96 - Apolônio (Nokokô)	M	40
97 - Maria Conceição (Axinã)	F	35
98 - Marta (Nariã)	F	6

ALDEIA CASA NOVA

99 - João (Kanabonô)	M	60
100 - Albina (Boatã)	F	58
101 - Lourival (Bakuri)	M	44
102 - Juraci (Okomu/Komobi)	M	34
103 - Raimundo (Sabatô)	M	31
104 - Luzia (Hinabori)	F	27
105 - Laide (Takabiri)	F	23
106 - Jani (Nalabi)	F	20
107 - Davi (Kakawi)	M	18
108 - Zé Bocana (Manoarê)	M	38
109 - Carmina (Baybani)	F	35
110 - Calamina (Watati)	F	17
111 - Milton (Imatinakê)	M	14
112 - Andreлина (Nanafinã)	F	12
113 - Edna (Mawayni)	F	10
114 - José Dino (Dimahãtiwã)	M	8
115 - Daniel (Dimakuriã)	M	5
116 - José Ribamar (Konãbuñô)	M	3
117 - Édi (Dimãatilarinê)	M	1
118 - Chico Fernandes (Bayabonô)	M	62
119 - Ester (Kamoforê/Amoru)	F	67
120 - Saturnino (Bokosi)	M	31
121 - Afromaia (Totobã)	M	40
122 - Valdemiro (Bibiri)	M	19
123 - Marineide (Dhimamani)	F	17
124 - Jacinto (Helibã)	M	14
125 - Joel (Dhimãhialê)	M	10
126 - Arimanã	M	8

Seringal ESTAÇÃO (Fora da área, na beira do Purus)

Nonato (Kariú)	M	45
127 - Morena	F	45
128 - Toinho	M	14
Vina (Kariú)	M	30
129 - Valdira	F	24
130 -	M	3
131 - Dois filhos	F	1

	Nonato Boto (Kariu)	M	32
132 -	Raimunda	F	26
133 -		F	5
134 -		M	3
135 -	Três filhos	F	1

LEVANTAMENTO POPULACIONAL - INDIOS KANAMANTI - LÁBREA-AM

ALDEIA HUMAITÁ ou PORTO NOVO

	Sexo	Idade
01 - Saturnino (Asawi)	M	40
02 - Laide	F	30
03 - Naci	M	8
04 - Miguel	M	6
05 - Arivar	M	4
06 - Mema	M	2
07 - Chagas	M	30
08 - Maria Ida	F	25
09 - Maria Rosa	F	6
10 - Socorro	F	4
11 - Dadinha	F	2
12 - Renato (Arigõ)	M	25
13 - Nego	M	35
14 - Margarida	F	40
15 - Donaldo	M	12
16 - Zé Passarinho	M	10
17 - Trajano	M	18
18 - Audete	F	15
19 - Moacir	M	22
20 - Terina	F	22
21 - Brás Ferreira	M	2
22 - Maria	F	6 meses
23 - Adriano	M	40
24 - Marcolino	M	60
25 - Carlos	M	28
26 - Edina	F	45
27 - Bernardo	M	22

ALDEIA VITÓRIA e/ou KAYHÃ

28 - Oltimero		M	35
29 - Zenália		F	25
30 - Tião		M	5
31 - Bah		M	3
32 - Noêmia		F	1
33 - Valdo		M	32
34 - Nega		F	35
35 - Gilberto		M	22
36 - Felícia		F	25
37 - Deca		M	35
38 - Noca		F	35
39 - Oscar		M	4
40 - Manduca		M	60
41 - Luzia		F	58
42 - Alda	viuva	F	45
43 - Vane		M	23
44 - Zélia		F	18
45 - Duici	viuva	F	28
46 - Terezinha		F	12
47 - Meyo		M	8
48 - Funaia		M	6
49 - Didi		M	4

ALDEIA CAMBURÃO e/ou BURITI

50 - Mundico		M	45
51 - Dinã		F	40
52 - Arnica		M	35
53 - Elza		F	34
54 - Luiz	viuvo	M	40
55 - Alice		F	10
56 - Marta		F	8

57 - Totinha	M	40
58 - Regina	F	40
59 - Surimar	M	12
60 - Vanize	F	9
61 - Raimundo	M	7
62 - Tiwi	M	4
63 - Bah	M	2
64 - Nenem	F	1 mês
65 - Marcos	M	50

ALDEIA SÃO FRANCISCO e/ou CAPIVARA

66 - João	M	60
67 - Nawadi (Maria)	F	65
68 - Nikarã	M	20
69 - Mangueiro	M	18
70 - Chiquito	M	30
71 - Valdelinha (Tamelibi)	F	28
72 - Jorge	M	6
73 - Esmeralda (Mundjualí)	F	4
74 - Antônio (Babuluzã)	M	2
75 - Ajakã	M	28
76 - Bidamã	F	26
77 - Valdiza (Lubi)	F	6
78 - Paulo	M	2
79 - Nonobi	M	26
80 - Kamoli	F	22
81 - Cleuzo	M	4
82 - Soni	M	2
83 - Beté	F	3 meses
84 - Tati	M	42
	viuvo	
85 - Ricardo	M	17
86 - Maura	F	17
87 - Cléia	F	2

88	- Sebastião	M	24
89	- Boína	F	22
90	- Aparecida	F	6
91	- Dadaí	F	4
92	- Letícia	F	2
93	- Nenem	F	14 meses
94	- Samú Naviré	M	55
95	- Joana	F	50
96	- Rubens	M	18
97	- Barriga	M	16
98	- Armando	M	12
99	- Dentiga	M	7
100	- Maria	F	5
101	- Luiz	M	22
102	- Maria Petrina	F	24
103	- Nenem	F	24/07/86
104	- Botimahã	F	55
105	- Tuba	M	26
106	- Chico Inácio	M	42
	viuvo		
107	- Salgado	M	12
108	- Raimundinha (Bunudihã)	F	10
109	- Menino	M	8
110	- Badã	M	40
111	- Sabirá	F	40
112	- Silva	M	18
113	- Consuelo (Wascurehé)	F	15
114	- Docilene (Dosubi)	F	13
115	- Ké	M	10
116	- João	M	8
117	- Narifawi	M	6
118	- Famari	M	4
119	- Bafi	M	4
120	- Raimundo Soares (Mundū)	M	65
121	- Madalena (Tuitã)	F	60



122	- Pidio	M	35
123	- Terezinha	F	30
124	- Fudinahã	F	12
125	- Manoel (Djonehé)	M	10
126	- Kaxaça	F	8
127	- André	M	5
128	- Eraldo	M	3
129	- Ziwanahã	F	2 meses
130	- Nilton	M	28
131	- Nidimi	F	25
132	- Antônio	M	2
133	- Gasparino (Binawã)	M	28
134	- Morena	F	26
135	- Neide	F	11
136	- Alizeu	M	9
137	- Kalipina	F	7
138	- Torawi	M	5
139	- Deuzo (Celso)	M	3
140	- Zita	F	1
141	- Inã	M	45
142	- Ubirajara (Manaus)	M	28
143	- Isaias (Lãbrea) Chica (Kariú)	M	35
144	- um menino	M	8
145	- Babã (Estação no Purus)	M	55

